



MONITOR ECONÔMICO

Novembro.2018



CENÁRIO
INTERNACIONAL



CENÁRIO
BRASIL E MINAS



ANÁLISE SETORIAL

SUMÁRIO



CENÁRIO INTERNACIONAL

SÍNTESE	<u>03</u>
ECONOMIA MUNDIAL	<u>04</u>



CENÁRIO BRASIL E MINAS

PRODUÇÃO INDUSTRIAL	<u>07</u>
CONFIANÇA E EXPECTATIVAS	<u>10</u>
FATURAMENTO	<u>11</u>
SERVIÇOS	<u>12</u>
COMÉRCIO	<u>13</u>
EMPREGO	<u>14</u>
CRÉDITO	<u>15</u>
FINANÇAS PÚBLICAS	<u>17</u>
INFLAÇÃO E JUROS	<u>18</u>
CÂMBIO	<u>19</u>
SETOR EXTERNO	<u>20</u>
PROJEÇÕES	<u>23</u>



ANÁLISE SETORIAL

AUTOMOTIVO	<u>24</u>
CONSTRUÇÃO CIVIL	<u>25</u>
INDÚSTRIA EXTRATIVA	<u>26</u>
MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS	<u>27</u>
METALURGIA	<u>28</u>

SÍNTESE

- Nos EUA, o vigor do mercado de trabalho começou a pressionar os salários. Contudo, a estabilidade das expectativas de inflação incentivou o Banco Central americano a manter os juros inalterados em novembro.
- Na Área do Euro, o crescimento econômico mais fraco e as tensões políticas entre a UE e a Itália representam um risco para a atividade da região. Apesar da queda contínua da taxa de desemprego, o BCE reforçou a visão de juros no patamar atual por prazo prolongado.
- Na China, o crescimento econômico, o mais fraco dos últimos anos, leva o governo a continuar promovendo incentivos fiscais, para evitar uma desaceleração ainda maior.

ECONOMIA MUNDIAL	PIB 2016	3,2%
	PIB 2017	3,7%
	PIB 2018 ^(e)	3,7%

- A produção industrial brasileira recuou 1,8%, em setembro. Em relação a setembro de 2017, a produção industrial também exibiu queda, nesse caso de 2,0%. Por outro lado, no acumulado do ano, a indústria brasileira acumula avanço de 1,9%. Em doze meses, a expansão foi de 2,7%.
- A produção industrial mineira exibiu contração de 1,8% em setembro. Frente a setembro de 2017, a produção da indústria mineira caiu 2,2%. Em 12 meses, a produção da indústria mineira acumula retração de 1,0%, resultado da perda de 5,3% do segmento extrativo e do crescimento de 0,5% da indústria de transformação.

PIB BRASIL 2018 ^(e)	1,4 %
PRODUÇÃO INDUSTRIAL Indústria Geral 2018 ^(e)	2,2 %

- As exportações de automóveis para a Argentina, destino de mais de 60% das vendas externas do produto mineiro em 2018, caíram 60,3% frente a outubro de 2017, após contração de 80,2% observada em setembro. A perspectiva de queda de 2,6% do PIB argentino em 2018 e de 1,6% em 2019, deve seguir limitando as exportações de veículos para o país vizinho nos próximos meses.
- Tendo em vista que a economia brasileira segue com elevado grau de ociosidade e a inflação segue controlada, o COPOM avaliou que a política monetária deveria continuar estimulativa e, por isso, decidiu pela manutenção da taxa Selic no patamar de 6,50% a.a.
- A próxima decisão do COPOM sobre a taxa Selic ocorrerá no dia 12 de dezembro. A expectativa do mercado ainda é de manutenção do juro básico em 6,50% a.a.



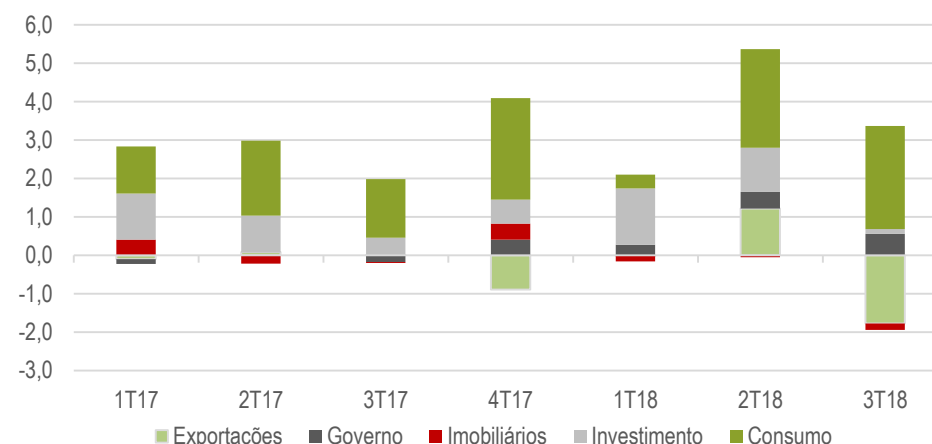
ESTADOS UNIDOS

PIB 2017	2,2%
PIB 2018 ^(e)	2,9%
PIB 2019 ^(e)	2,7%

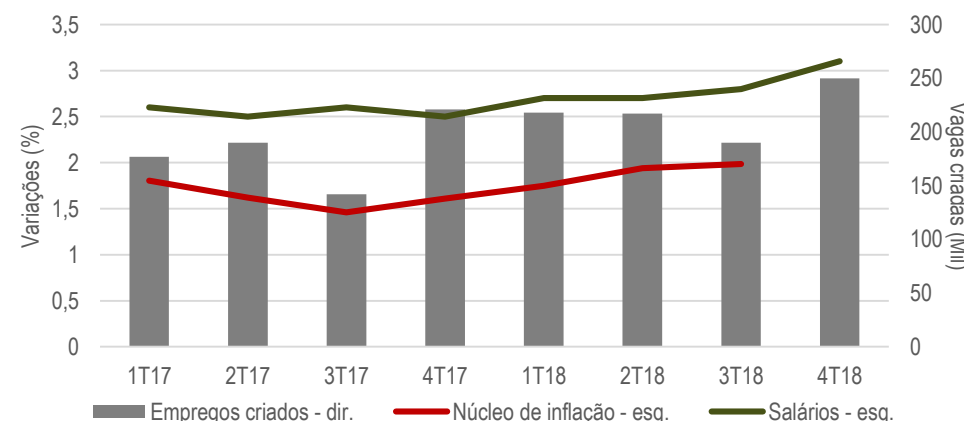
BAIXO NÍVEL DE DESEMPREGO PRESSIONA SALÁRIOS

- O destaque do mês de outubro foi a aceleração do ritmo de crescimento dos salários de 2,8% para 3,1%, na comparação anual, provocada pelo baixo nível de ociosidade da mão de obra. Após a criação de mais de 250 mil empregos no mês, valor superior ao número de novos entrantes no mercado, a taxa de desemprego ficou constante em 3,7%, graças ao aumento da taxa de participação (de 62,7% para 62,9%).
- Apesar desse resultado, a ausência de pressão inflacionária levou o Banco Central Americano (FED) a manter os juros inalterados na reunião de novembro. É esperado que o FED decida, em dezembro, operar mais uma alta de 0,25 p.p., em linha com a sua estratégia de normalização gradativa da política monetária.
- Apesar da desaceleração do crescimento do PIB no terceiro trimestre (3,5%, contra 4,2% no segundo trimestre), o resultado é considerado robusto. O crescimento econômico foi oriundo principalmente do consumo (2,7%), enquanto a contribuição dos investimentos (0,1%) foi inferior à registrada no primeiro semestre do ano, o que sinalizou a dissipação do efeito do corte de impostos implementado em 2017. Na ausência de ganhos de produtividade, o crescimento econômico deverá ser mais moderado em 2019.

CONTRIBUIÇÕES AO PIB (%)



EVOLUÇÃO DA INFLAÇÃO, SALÁRIOS E EMPREGOS – (%)





ÁREA DO EURO

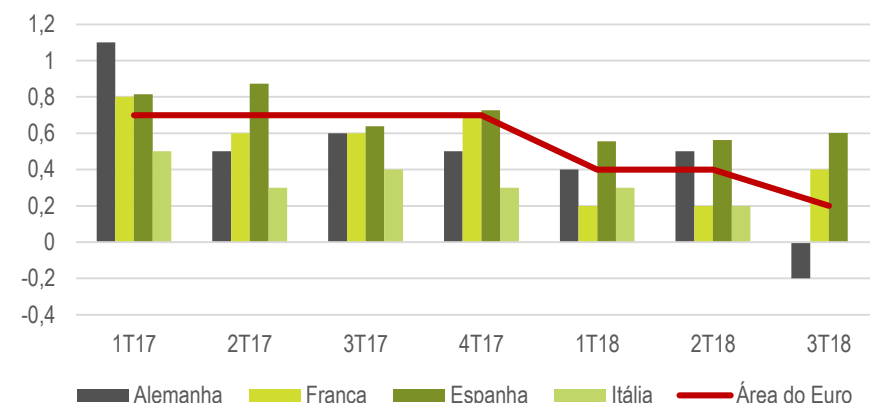
PIB 2017	2,4%
PIB 2018 ^(e)	2,2%
PIB 2019 ^(e)	1,9%

CRESCIMENTO BAIXO E TENSÕES POLÍTICAS

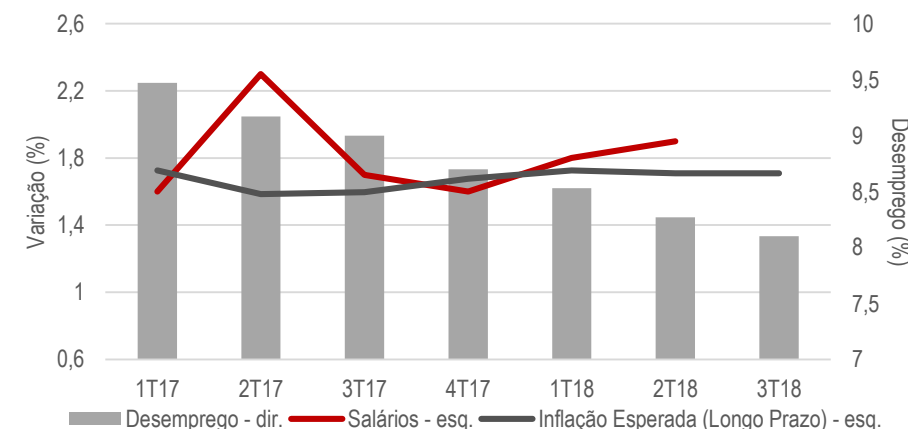
- No terceiro trimestre do ano, a atividade econômica da Área do Euro desacelerou consideravelmente, com crescimento de 0,2% na variação trimestral e de 1,7% na variação anual (contra 0,4% e 2,2% observados no trimestre anterior, respectivamente). Esse foi o pior desempenho da região desde 2014. Apesar da melhora observada na França (após o fim das greves), fatores temporários na Alemanha (setor automotivo) e menores investimentos na Itália (crise entre a União Europeia e o governo sobre o orçamento para 2019) prejudicaram a economia da região no período.
- Paralelamente, em outubro, a taxa de desemprego da região ficou em 8,1%, mantendo a tendência de queda (0,8 p.p. em 12 meses), o que permitiu uma elevação moderada dos salários (1,9% na variação anual, uma alta de 0,3 p.p. acumulada no ano). Ao mesmo tempo, o núcleo de inflação ficou em 1,1%, abaixo da meta de 2,0% do Banco Central Europeu (BCE).
- Com a queda do desemprego, o BCE decidiu manter a estratégia de suspender as compras de ativos em dezembro desse ano, o que, no contexto atual de incerteza política, pode resultar na elevação dos prêmios demandados pelos investidores para financiar as dívidas dos governos europeus. Com a baixa inflação e a moderação das perspectivas de crescimento para os próximos anos, não se espera aumento de juros pelo menos até setembro de 2019.

Fontes: Bloomberg, Markit.(e)Estimativas: FMI. (e) – Projeção mediana do mercado

CRESCIMENTO TRIMESTRAL NA ÁREA (%)



CRESCIMENTO TRIMESTRAL NA ÁREA (%)





CHINA

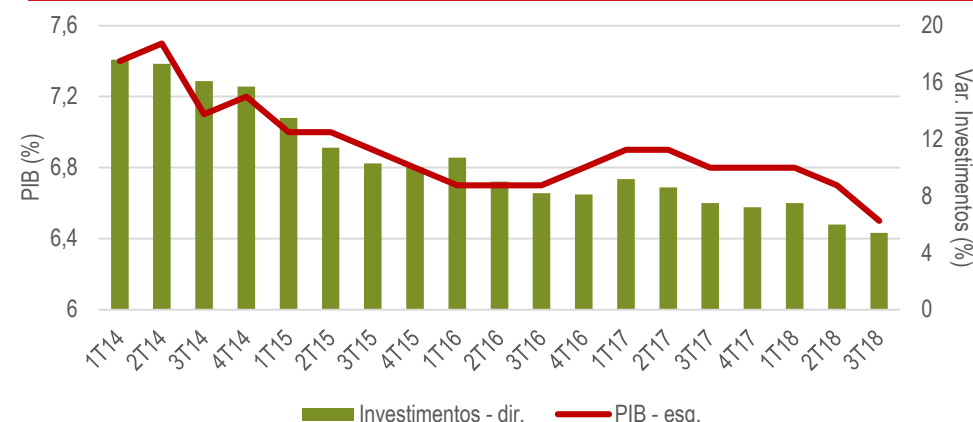
PIB 2017	6,9%
PIB 2018 ^(e)	6,6%
PIB 2019 ^(e)	6,4%

CRESCIMENTO MAIS FRACO NO TERCEIRO TRIMESTRE

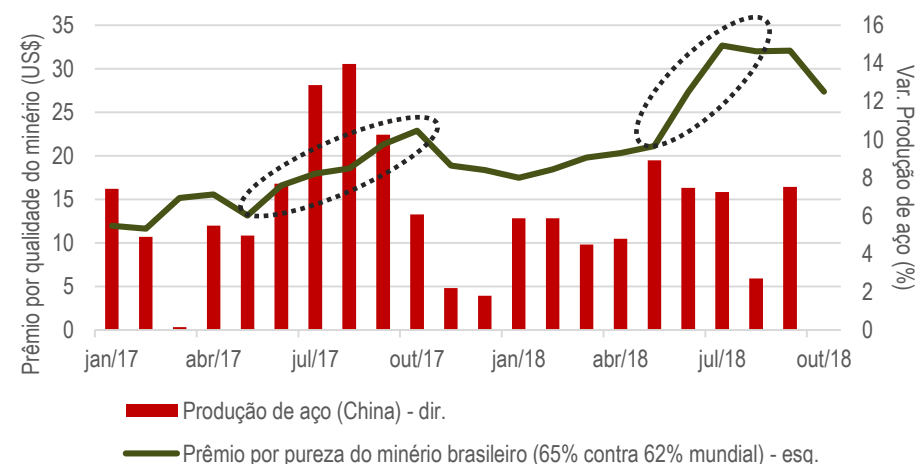
- A atividade econômica na China continuou desacelerando no terceiro trimestre, registrando um aumento de 6,5% na comparação anual, o mais baixo desde 2009. O menor ritmo de crescimento dos investimentos (5,4% contra 6,4% no trimestre anterior), consequência imediata dos esforços do governo chinês em limitar os riscos financeiros, foi o fator que mais contribuiu para o pior desempenho do país.
- Por outro lado, o aumento das exportações para os EUA (13,0% na comparação anual) limitou a perda de ímpeto da economia. No entanto, a maior contribuição das vendas externas deve ser temporária, pois reflete um movimento de antecipações de compras pelas empresas americanas antes da provável efetivação do aumento das tarifas anunciado pelo governo Trump.
- Para evitar uma deterioração maior do crescimento, é esperado que o governo continue adotando medidas de estímulos fiscais, com o objetivo de facilitar o acesso ao crédito para as empresas privadas.
- Adicionalmente, as medidas de redução da poluição no país, apesar de mais frouxas que em 2017, incentivam o consumo de minério de ferro de maior qualidade pelas siderúrgicas chinesas, o que beneficia as exportações do minério de ferro brasileiro.

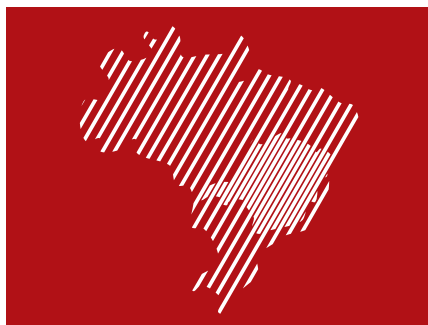
Fonte: Bloomberg, (e)Estimativas: FMI,

CRESCIMENTO E INVESTIMENTOS (%)



PRODUÇÃO DE AÇO, PREÇOS DO MINÉRIO E LUTA CONTRA A POLUIÇÃO NA CHINA





PRODUÇÃO INDUSTRIAL BRASIL

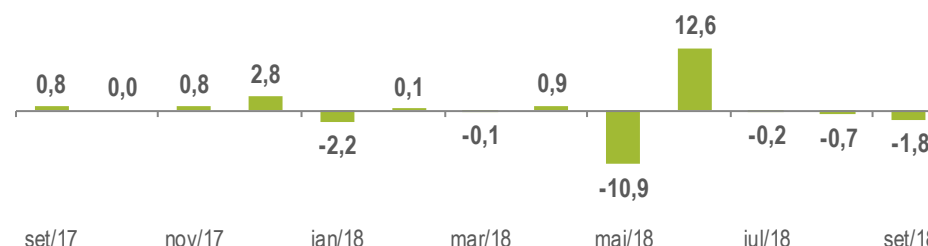
INDÚSTRIA GERAL

SET-18 / AGO-18*	-1,8%
SET-18 / SET-17	-2,0%
ACUMULADO NO ANO	1,9%
2017	2,5%
2018 ^(e)	2,2%

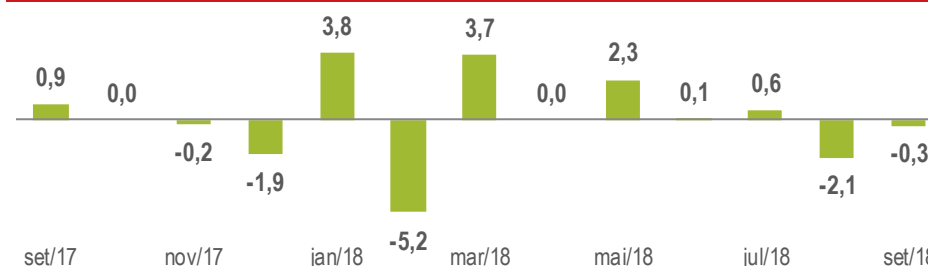
PRODUÇÃO INDUSTRIAL CAI 1,8% EM SETEMBRO

- A produção industrial brasileira recuou 1,8% em setembro. Com o resultado negativo, o terceiro consecutivo, a contração acumulada foi de -2,7% no terceiro trimestre de 2018. Variações negativas na produção foram registradas em 16 dos 26 ramos industriais pesquisados. A principal contribuição negativa veio do setor automotivo, que exibiu queda de 5,1% no mês, em função do ajuste de estoques a uma demanda mais fraca do que a estimada anteriormente, tanto no mercado doméstico quanto no exterior. Dentre os demais setores com variação negativa na produção industrial em setembro, destacam-se máquinas e equipamentos (-10,3%), bebidas (-9,6%) e alimentos (-1,3%). Por outro lado, o melhor resultado no mês veio do setor de metalurgia, com expansão de 5,4%.
- Em relação a setembro de 2017, a produção industrial também exibiu recuo, nesse caso, de 2,0%. O setor com a principal contribuição negativa foi o de alimentos (-11,8%). Cabe destacar, no entanto, que o mês de setembro teve 19 dias úteis em 2018, contra 20 dias úteis no ano anterior. Essa diferença ajuda a explicar parte do desempenho de alguns dos 13 ramos industriais que exibiram variação negativa nessa base de comparação. No acumulado do ano, a indústria brasileira acumula avanço de 1,9%. Em 12 meses, a expansão foi de 2,7%.

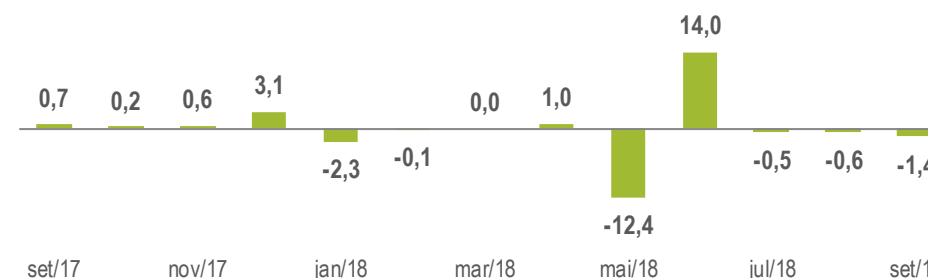
INDÚSTRIA GERAL (Variação % contra mês imediatamente anterior)

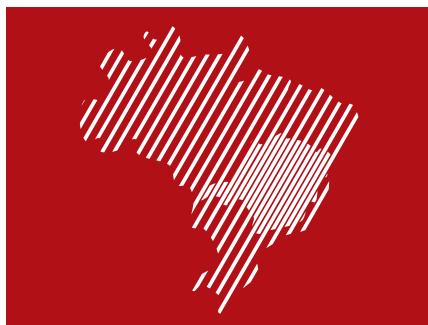


INDÚSTRIA EXTRATIVA (Variação % contra mês imediatamente anterior)



INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO (Variação % contra mês imediatamente anterior)





PRODUÇÃO INDUSTRIAL MINAS GERAIS

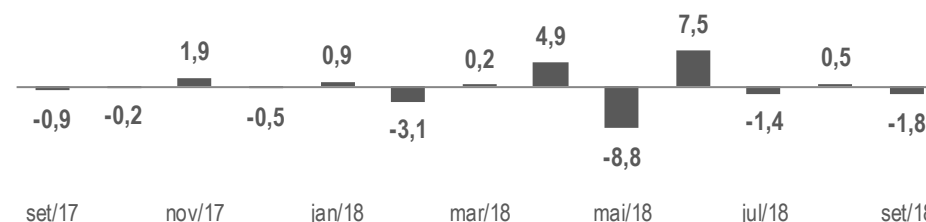
PRODUÇÃO INDUSTRIAL MINEIRA TAMBÉM RECUA 1,8% EM SETEMBRO

- A produção industrial mineira também exibiu contração de 1,8% em setembro, reforçando o padrão oscilante no ano, com avanços em cinco meses (janeiro, março, abril, junho e agosto) e recuos nos outros quatro meses. O resultado negativo foi puxado pela extração mineral e por importantes setores da transformação, a exemplo de veículos, alimentos e produtos de metal. Dentre os setores com variações positivas no mês, destacam-se metalurgia, minerais não-metálicos, combustíveis e papel e celulose.
- Frente a setembro de 2017, a produção da indústria mineira caiu 2,2%, também tendo como destaques negativos os setores de veículos e alimentos. Por outro lado, houve avanço de 0,5% da extração mineral nessa base de comparação. Em 12 meses, a produção da indústria mineira acumula retração de 1,0%, resultado da contração de 5,3% do segmento extrativo e do crescimento de 0,5% da transformação, o que mantém o padrão observado nos meses anteriores de declínio gradual das taxas de crescimento da produção da indústria de transformação e de suavização da variação negativa da produção da extração mineral.

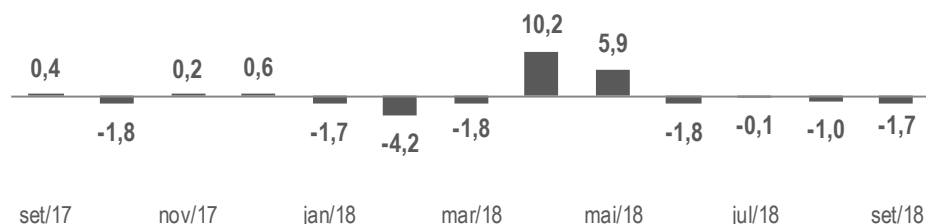
INDÚSTRIA GERAL

SET-18 / AGO-18*	-1,8%
SET-18 / SET-17	-2,2%
ACUMULADO NO ANO	-1,6%
2017	1,2%
2018 ^(e)	-1,3%

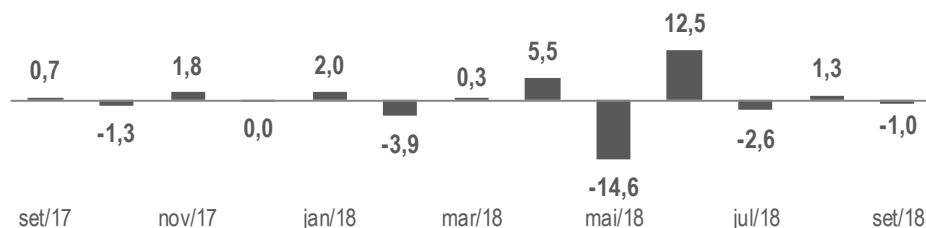
INDÚSTRIA GERAL (Variação % contra mês imediatamente anterior)

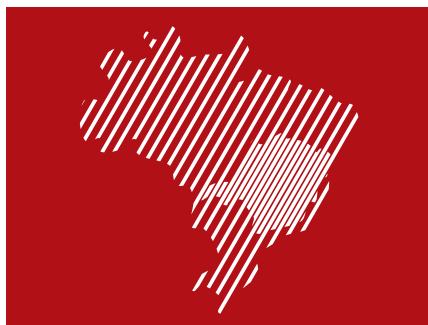


INDÚSTRIA EXTRATIVA (Variação % contra mês imediatamente anterior)



INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO (Variação % contra mês imediatamente anterior)

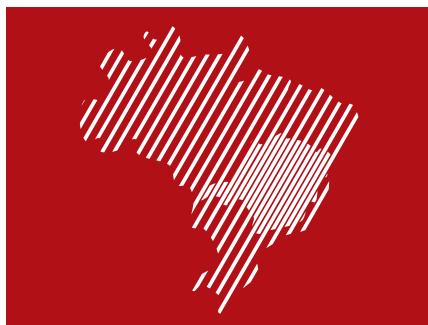




PRODUÇÃO INDUSTRIAL

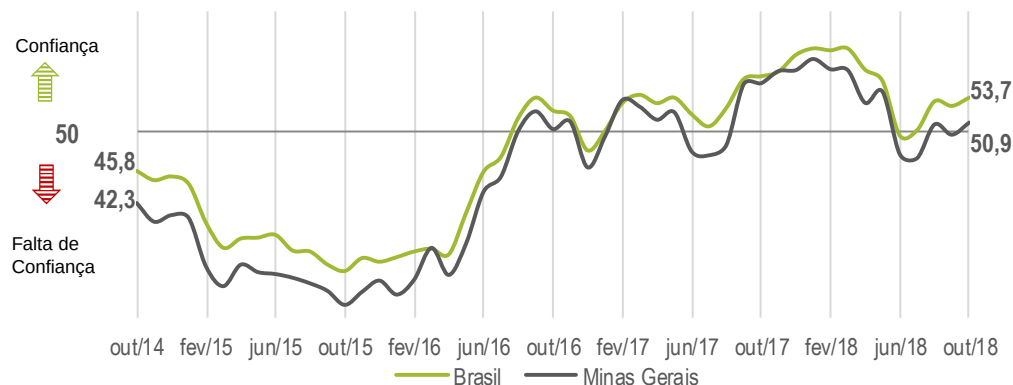
VARIAÇÃO ACUMULADA EM 12 MESES (%)* - DESTAQUES SETORIAIS POSITIVOS





CONFIANÇA E EXPECTATIVAS

ÍNDICE DE CONFIANÇA DO EMPRESÁRIO INDUSTRIAL - ICEI

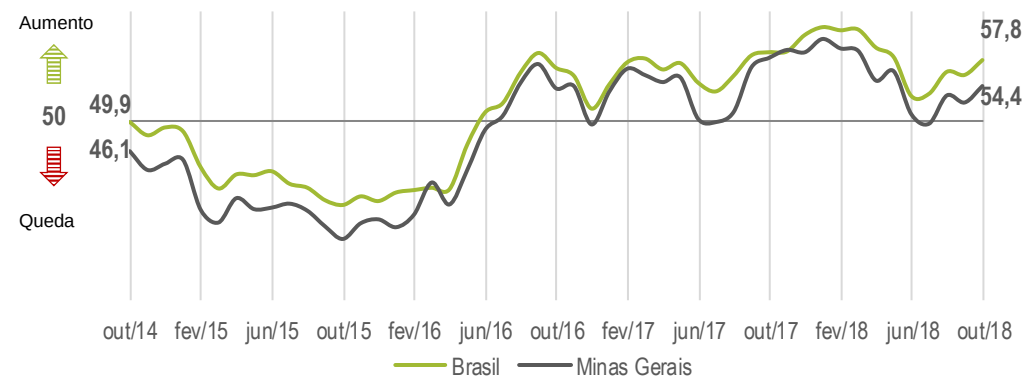


Minas Gerais		Total		
		out/17	set/18	out/18
ICEI		55,1	49,6	50,9
Sondagem Industrial				
Expectativas	Demanda	53,6	55,5	52,7
	Compra de Matérias-Primas	51,5	54,6	51,5
	Emprego	46,2	49,6	48,4
	Intenção de Investimento	51,0	52,4	51,3

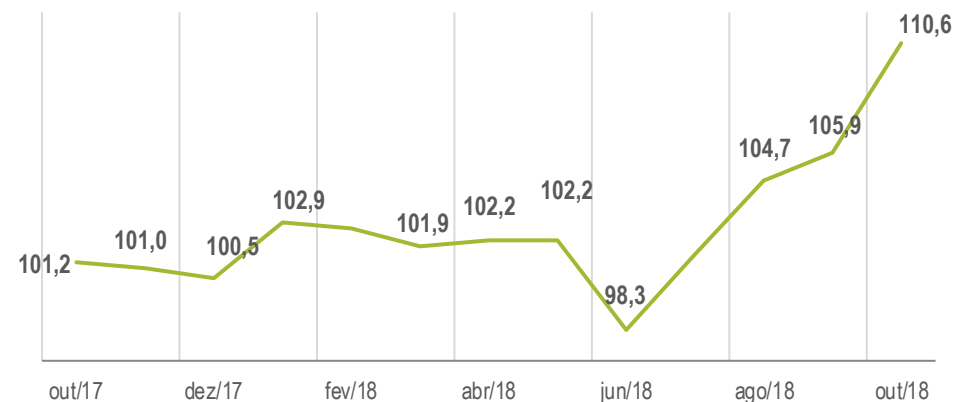
Indicadores variam de 0 a 100 pontos. Valores acima de 50 pontos indicam confiança e expectativa de crescimento. No que se refere à intenção de investimento, não existe linha divisória de 50 pontos: quanto maior o índice, menor a propensão a investir dos empresários

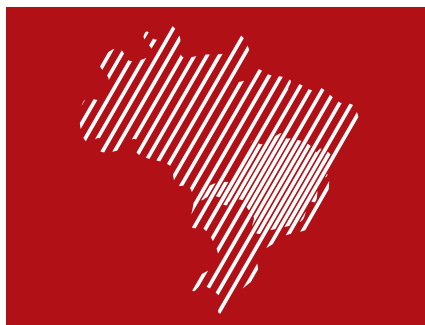
Fonte: CNI e FIEMG.

EXPECTATIVAS PARA OS PRÓXIMOS SEIS MESES



ÍNDICE NACIONAL DE EXPECTATIVA DO CONSUMIDOR (CNI)





FATURAMENTO

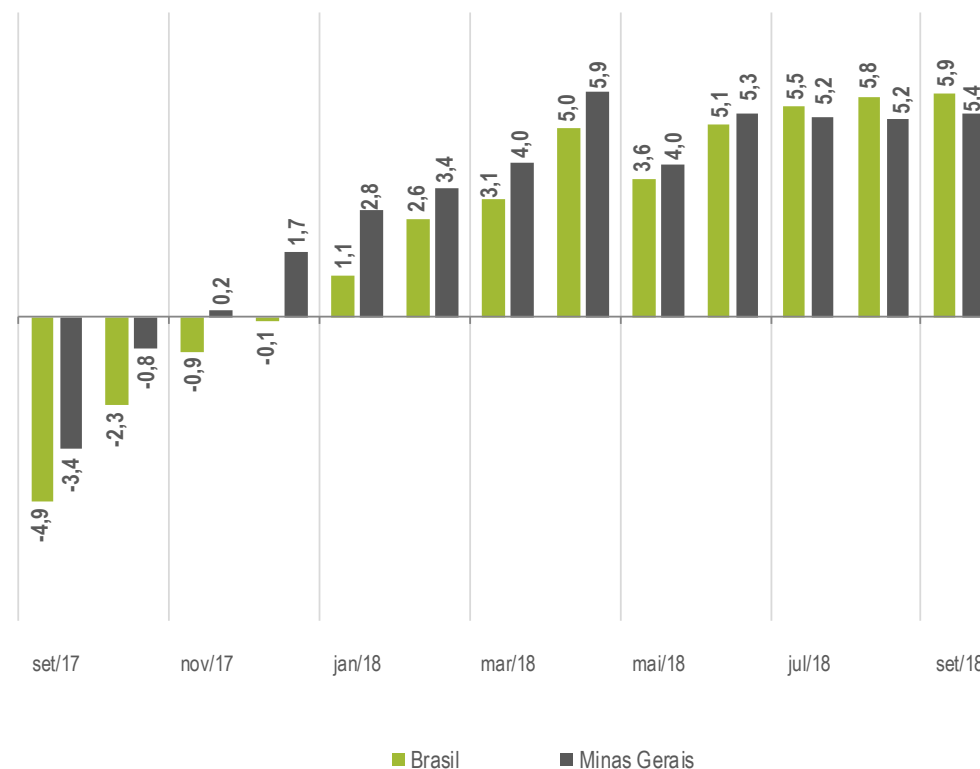
INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO

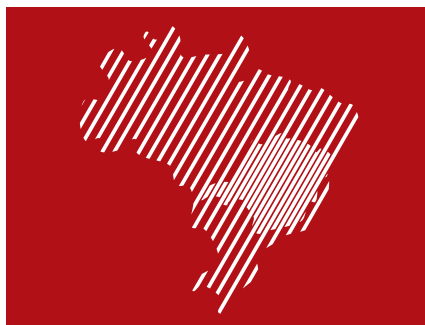
	BRASIL	MINAS GERAIS
SETEMBRO-18 / SETEMBRO-17	4,6%	7,0%
ACUMULADO NO ANO*	5,4%	4,4%
ACUMULADO 12 MESES	5,9%	5,4%

FATURAMENTO REAL CRESCE NO BRASIL E EM MINAS GERAIS EM SETEMBRO

- O faturamento real da indústria de transformação brasileira cresceu 4,6% em setembro, na comparação interanual. Dos 21 setores pesquisados, 11 mostraram avanço do índice, com destaque para químicos (21,9%), metalurgia (14,0%) e máquinas e equipamentos (13,6%), cujas elevações têm sido, nos últimos meses, mais expressivas que as verificadas nos demais setores.
- De janeiro a setembro, o faturamento real da indústria brasileira cresceu 5,4%, o melhor resultado para o período em oito anos, confirmando a tendência positiva para o indicador ao longo de 2018, mesmo com a frustração do ritmo de retomada da atividade industrial.
- Em Minas Gerais, o faturamento real da indústria de transformação também avançou na comparação interanual, com aumento de 7,0% em setembro. No acumulado do ano até setembro, o crescimento foi menos intenso, e marcou 4,4%.

FATURAMENTO REAL DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO (Var. % acumulada em 12 meses)





SERVIÇOS

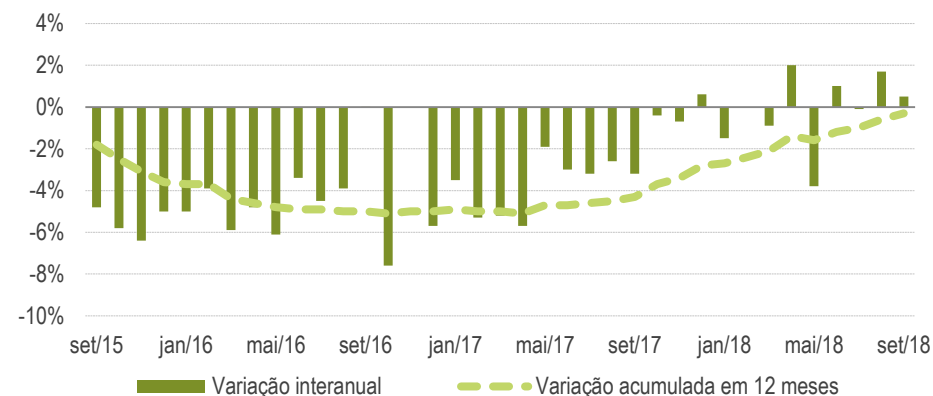
VOLUME DE SERVIÇOS

	BRASIL	MINAS GERAIS
SET-18 / SET-17	0,5%	0,5%
ACUMULADO NO ANO	-0,4%	-0,6%
ACUMULADO 12 MESES	-0,3%	-0,7%

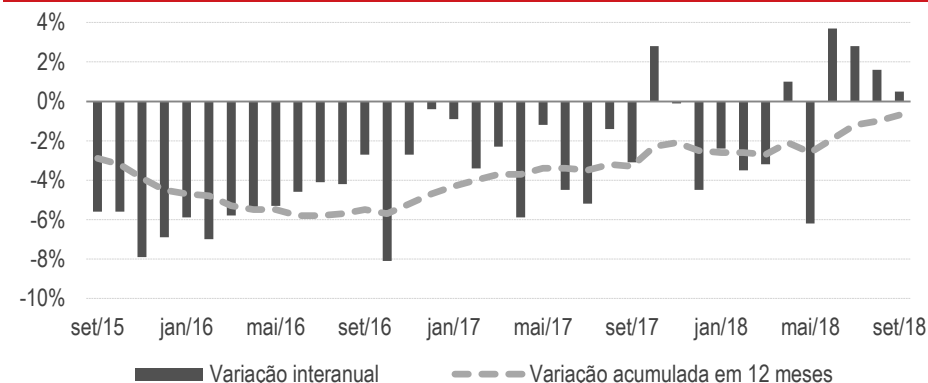
SETOR DE SERVIÇOS REGISTRA MELHORA PAULATINA

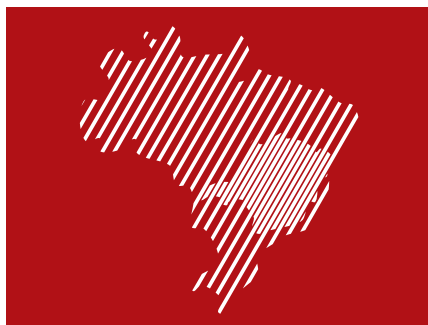
- O setor de serviços brasileiro recuou 0,3% em setembro, frente a agosto, após quatro meses de grande volatilidade após a greve dos caminhoneiros: maio (-3,5%), junho (4,9%), julho (-2,0%) e agosto (1,4%).
- A contração foi observada em três das cinco atividades investigadas, destacando-se o recuo de 'transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio' (-1,3%), revertendo parcialmente a alta de 2,8% em agosto. Adicionalmente, 22 das 27 unidades federativas registraram queda no setor de serviços.
- Em 12 meses, até setembro, o setor acumula perda de 0,3%. Mesmo sendo o 40º resultado negativo consecutivo, há uma trajetória predominantemente ascendente desde abril de 2017 (-5,1%).
- Em Minas Gerais, o volume de serviços caiu 0,3%, após quatro meses de instabilidade: maio (-6,1%), junho (9,8%), julho (-1,8%) e agosto (0,4%). O desempenho acumulado em 12 meses passou de -1,0% em agosto para -0,7% em setembro, e nossa projeção é de contração de 0,3% em 2018, frente a 2017.

VOLUME DE SERVIÇOS – BRASIL



VOLUME DE SERVIÇOS – MINAS GERAIS





VENDAS NO VAREJO

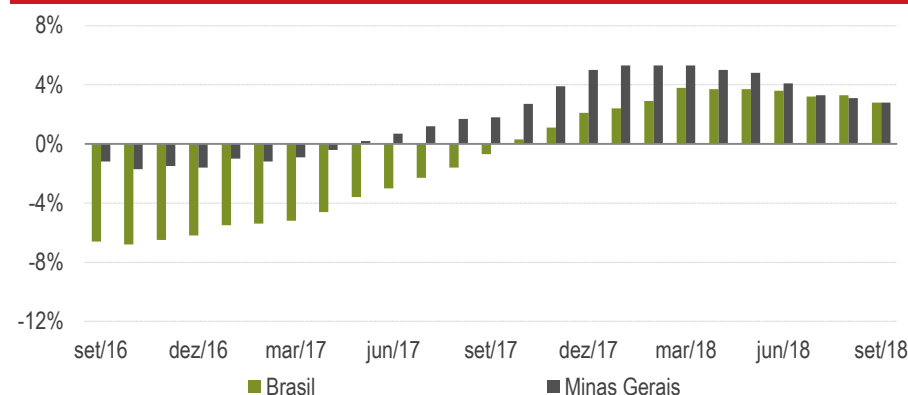
REDUÇÃO DAS LIBERAÇÕES DAS COTAS DO PIS/PASEP AFETA VENDAS NO VAREJO

- O varejo restrito¹ brasileiro recuou 1,3% em setembro, frente a agosto, após crescer 2,0% no mês anterior. O resultado surpreendeu negativamente a expectativa de mercado (0,0%). O varejo ampliado² também caiu (-1,5%), descontando parcialmente a alta de 4,2% em agosto.
- A contração foi disseminada, ocorrendo em oito das 10 atividades pesquisadas pela PMC², inclusive nas três maiores: hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (-1,2%, após 0,7% em agosto), veículos, motocicletas, partes e peças (-0,1%, após 5,5% em agosto) e combustíveis e lubrificantes (-2,0%, após 3,7% em agosto).
- Em Minas Gerais, ocorreram recuos na margem de 3,1% no varejo restrito e de 0,6% no ampliado, ante as expansões de, respectivamente, 5,5% e 3,8% em agosto.
- Tanto no país quanto no estado, essas foram as maiores contrações no varejo (restrito) registradas para o mês de setembro pela PMC (iniciada em 2000). A queda é parcialmente explicada pelo consumo mais intenso em agosto, dada a liberação da maior parte das cotas do PIS/PASEP, o que não ocorreu no mês de setembro.

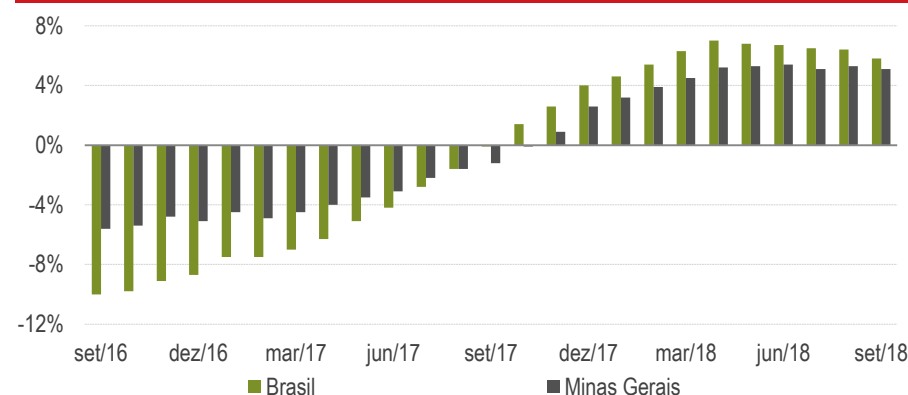
VOLUME DE VENDAS NO COMÉRCIO VAREJISTA

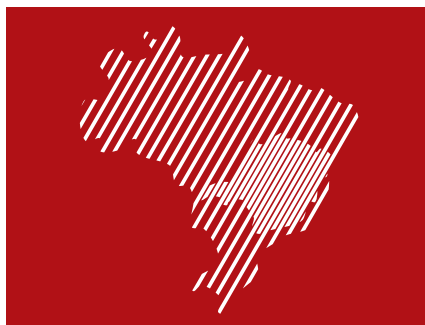
	BRASIL	MINAS GERAIS
RESTRITO ¹ (SET18/SET-17)	0,1%	-1,4%
AMPLIADO ² (SET-18/SET-17)	2,2%	-0,8%
RESTRITO (ACUMULADO NO ANO)	2,3%	0,8%
AMPLIADO (ACUMULADO NO ANO)	5,2%	3,7%

VENDAS NO VAREJO RESTRITO (Var. acumulada em 12 meses)



VENDAS NO VAREJO AMPLIADO (Var. acumulada em 12 meses)



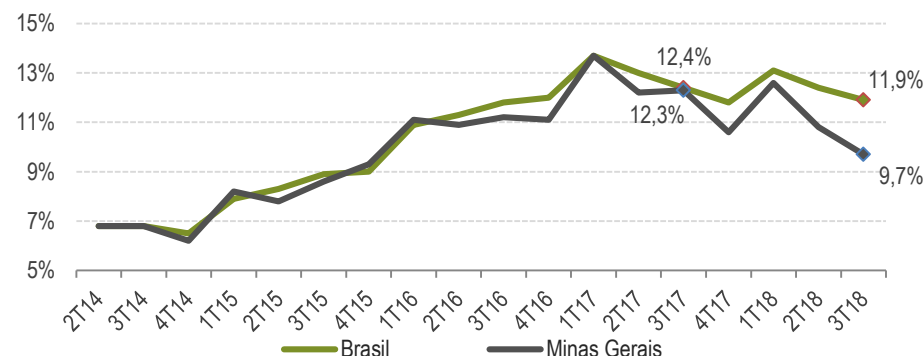


EMPREGO

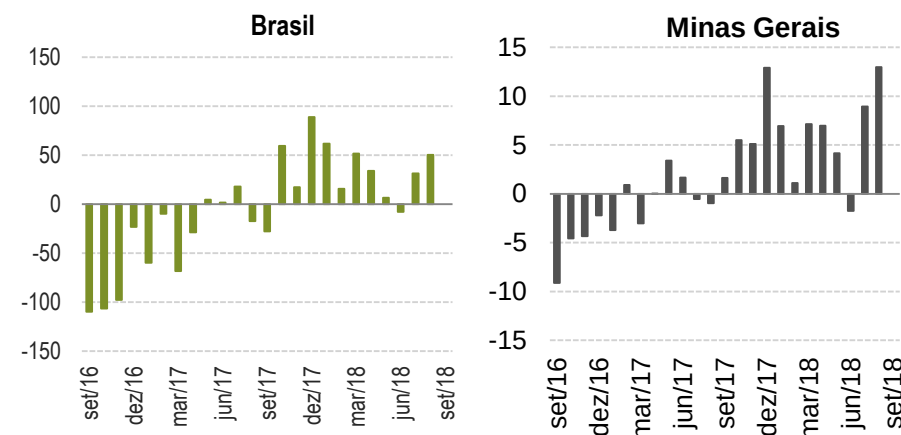
QUEDA DO DESEMPREGO AINDA NÃO REPRESENTA MELHORA ROBUSTA DO MERCADO DE TRABALHO

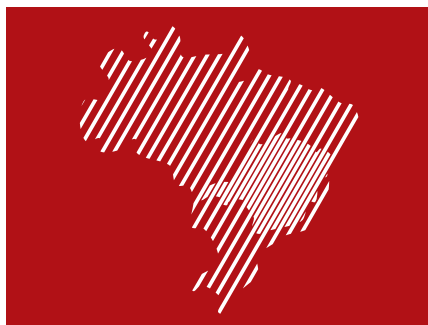
- A taxa de desemprego brasileira recuou de 12,4% para 11,9% na passagem do segundo para o terceiro trimestre de 2018, em linha com a expectativa de mercado. No mesmo período, o recuo em Minas Gerais foi mais intenso, de 10,8% para 9,7%.
- No tocante ao emprego celetista, o CAGED de setembro registrou saldos de 137.366 postos de trabalho no Brasil – superando positivamente a expectativa de mercado (88.000 postos) – e de 5.200 postos em Minas Gerais.
- Na Indústria do estado, destacaram-se os segmentos da construção: obras de infraestrutura (1.340 postos), serviços especializados para a construção (1.220 postos) e construção de edifícios (1.192 postos). Adicionalmente, entre os setores no estado, apenas a agropecuária apresentou saldo negativo (-11.982 postos), em linha com a sua característica sazonalidade.
- O ligeiro aquecimento em agosto e em setembro, apontado pelos indicadores do CAGED e da PNAD Contínua, ainda não representam uma recuperação consistente do mercado de trabalho – marcado pelo desemprego elevado e pela informalidade. Por outro lado, a vitória de um governo com a agenda reformista tende a elevar o nível de confiança dos empresários, o que favorece a ampliação na geração de empregos.

TAXA DE DESEMPREGO (trimestral)



SALDO DE EMPREGO (em milhares, com ajuste sazonal)





EMPREGO FORMAL NA INDÚSTRIA

SALDO ACUMULADO EM 12 MESES* - DESTAQUES SETORIAIS POSITIVOS



ECONOMIA	459.217
INDÚSTRIA	26.631



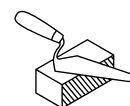
Alimentos

24.791



Veículos Automotores

23.572



Serviços Especializados para Construção

10.962



Coleta, Tratamento e Disposição de Resíduos

8.136



Manutenção e Instalação de Máquinas e Equipamentos

5.472

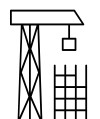


Máquinas e Equipamentos

5.306



ECONOMIA	78.912
INDÚSTRIA	23.407

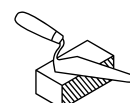


Construção de Edifícios



Obras de Infra-Estrutura

5.749



Serviços Especializados para Construção

3.183



Metalurgia

2.554



Alimentos

2.087



Produtos de Metal

1.609



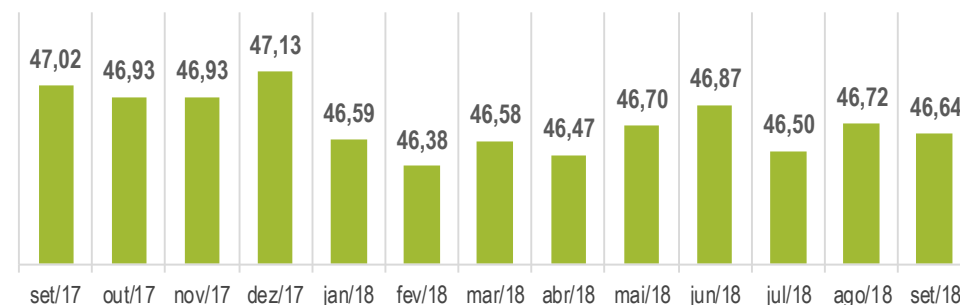


CRÉDITO

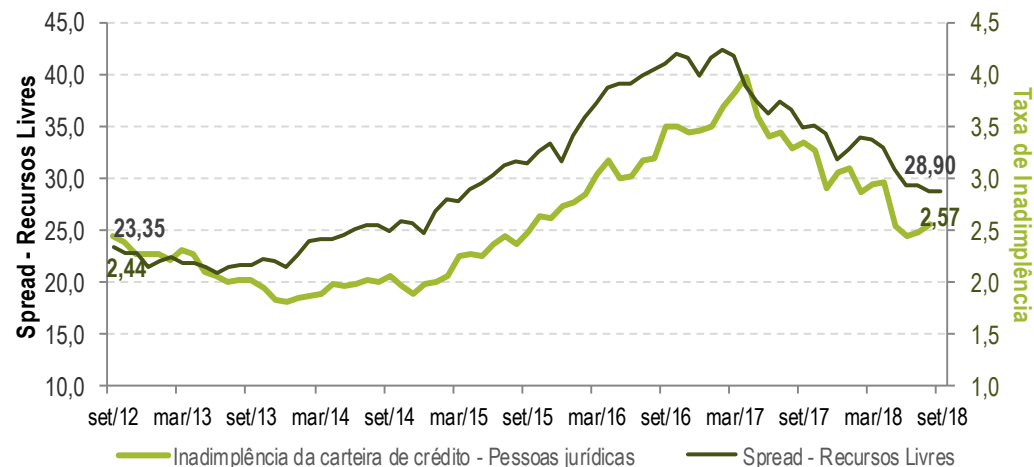
VOLUME DE CRÉDITO CRESCE 0,4% EM SETEMBRO

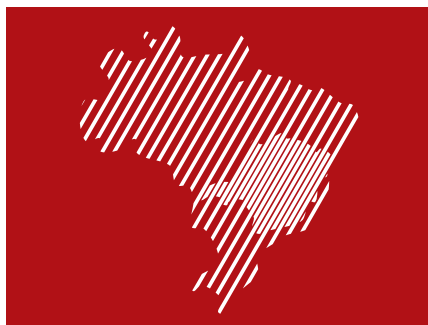
- O volume de crédito cresceu 0,4% em setembro, com expansão de 0,4% tanto na carteira de pessoas físicas (PF) quanto na de pessoas jurídicas (PJ).
- A razão crédito/PIB, contudo, recuou para 46,6% em setembro, 0,1 ponto percentual (p.p.) abaixo do nível de agosto e 0,4 p.p. inferior ao patamar de setembro de 2017. As concessões de crédito recuaram 10,1% na comparação com agosto, influenciadas pelo menor número de dias úteis (quatro) em relação ao mês anterior. Por outro lado, as concessões avançaram 10,2% no acumulado em 12 meses.
- A taxa média de juros do Indicador de Custo de Crédito (ICC) em setembro foi de 20,8%, estável no mês (-0,9 em 12 meses). O *spread* médio de crédito, por sua vez, manteve-se estável em 13,8 p.p.
- A inadimplência nas operações de crédito permaneceu no mesmo nível do mês anterior (3,0%), abaixo da registrada em setembro de 2017 (3,6%). A queda em 12 meses é influenciada, em maior parte, pela redução da inadimplência nas operações com recursos livres (de 5,4% para 4,1%).

CRÉDITO (% do PIB)



Spread (Recursos Livres) e Inadimplência para Pessoas Jurídicas



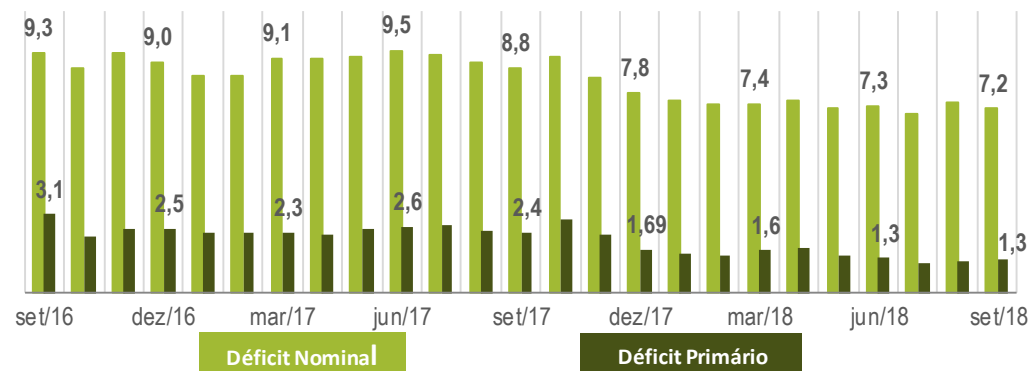


FINANÇAS PÚBLICAS

SETOR PÚBLICO CONSOLIDADO APRESENTA DÉFICIT PRIMÁRIO DE 24,6 BILHÕES EM SETEMBRO

- Em setembro, o setor público consolidado registrou déficit primário de R\$ 24,6 bilhões, puxado pelo déficit do Governo Central (R\$ 24,3 bilhões). Os governos regionais também tiveram déficit primário de R\$ 795 milhões, ao passo que as empresas estatais foram superavitárias em R\$ 466 milhões
- No acumulado do ano, o déficit consolidado aumentou para R\$ 59,3 bilhões, valor 27,7% menor que o registrado no mesmo período de 2017 (R\$ 82,1 bilhões). Em 12 meses, o déficit primário aumentou 0,04 ponto percentual (p.p.) em relação a agosto, chegando a 1,29% do PIB. Esses resultados reforçam a visão de que o déficit primário ficará abaixo da meta de R\$ 161,3 bilhões em 2018. A expectativa do mercado é de déficit primário equivalente a 1,9% do PIB em 2018, tendo em vista que o resultado fiscal piora nos últimos meses do ano.
- O resultado nominal do setor público consolidado, que inclui o saldo primário e o pagamento de juros, foi um déficit de R\$ 39,2 bilhões em setembro, levando o resultado acumulado em 12 meses para -R\$ 488,8 bilhões, o equivalente a 7,2% do PIB.

NECESSIDADES DE FINANCIAMENTO DO SETOR PÚBLICO (% PIB)



DÍVIDA BRUTA DO GOVERNO GERAL (% PIB)





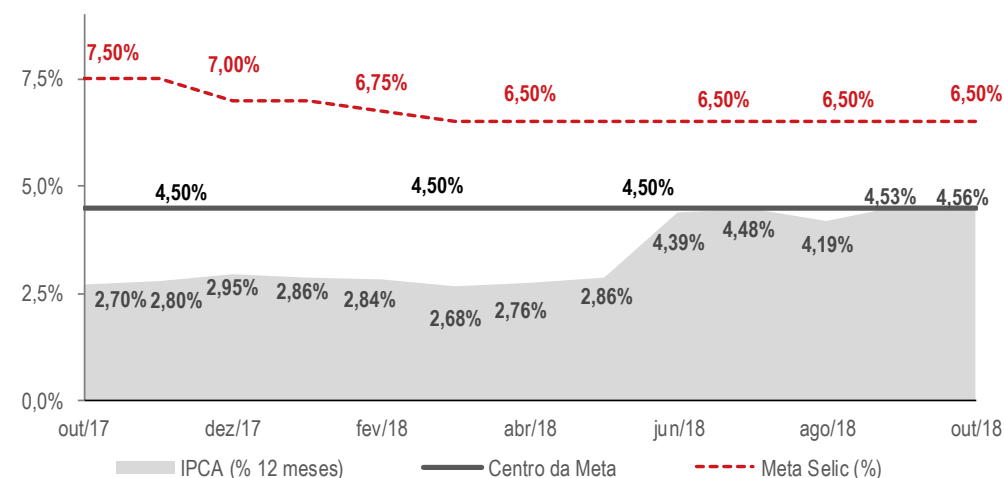
INFLAÇÃO E JUROS

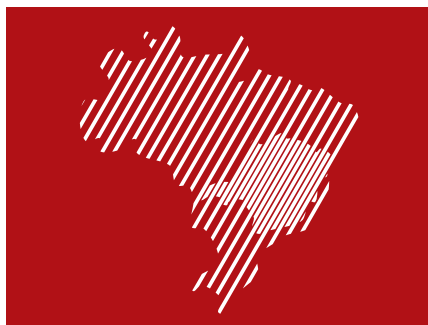
INFLAÇÃO EM SETEMBRO É CONSISTENTE COM O CUMPRIMENTO DA META DE 4,50% EM 2018

- O IPCA foi de 0,45% em outubro, levando a inflação acumulada em 12 meses para 4,56% (contra 4,53% em setembro). Contribuiu para o resultado a variação dos grupos alimentação e bebidas (0,59%) e transporte (0,92%). Contudo, os indicadores de difusão (percentual de itens com elevação de preços) foram relativamente baixos: 60% dos itens apresentaram variação positiva no mês. Excluindo o item 'alimentos', o indicador cai para 57%. Ambos os percentuais são considerados baixos para o mês de outubro.
- A avaliação do mercado coincide com a percepção do Banco Central, explicitada na Ata da reunião do Comitê de Política Monetária (COPOM) de outubro, que os níveis de inflação são consistentes com o cumprimento da meta no horizonte relevante. Tendo em vista que a economia brasileira segue com elevado grau de ociosidade, o COPOM avaliou que a política monetária deveria continuar estimulativa e, por isso, decidiu pela manutenção da taxa Selic no patamar de 6,50% a.a..
- A próxima decisão do COPOM sobre a taxa Selic ocorrerá no dia 12 de dezembro. A expectativa do mercado ainda é de manutenção do juro básico em 6,50% a.a..

GRUPOS DO IPCA (Var. %)	MENSAL	ACUM. 12 MESES
Transporte	1,10%	7,38%
Habitação	-0,85%	6,54%
Educação	0,22%	5,25%
Saúde e Cuidados Pessoais	0,42%	5,13%
Alimentação e Bebidas	0,74%	3,33%
Despesas Pessoais	0,22%	3,17%
Artigos de Residência	0,14%	2,23%
Vestuário	-0,98%	0,84%
Comunicação	0,11%	0,02%
TOTAL	0,28%	4,53%

INFLAÇÃO E TAXA DE JUROS (Selic) - %



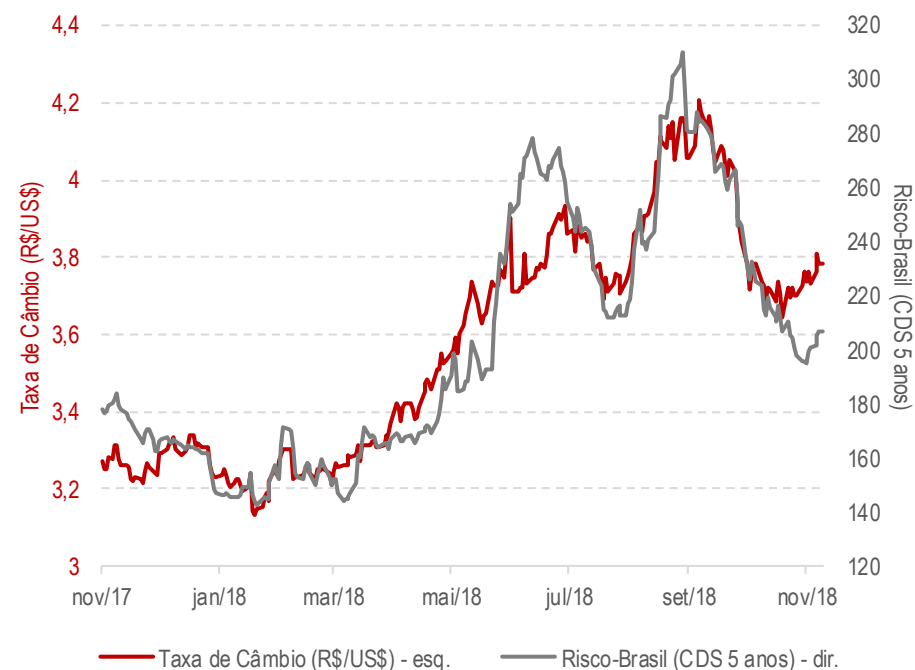


CÂMBIO

REDUÇÃO DA PERCEPÇÃO DO RISCO-BRASIL FORTALECE O REAL

- Após sete meses de depreciação, o real se valorizou frente ao dólar, em outubro. A cotação média mensal recuou de R\$/US\$ 4,116, em setembro, para R\$/US\$ 3,758 em outubro (-8,4%).
- A definição do quadro eleitoral brasileiro reduziu a percepção de risco, contribuindo para a queda do risco-país, medido pelo indicador CDS 5 anos. O indicador, que atingiu seu pico em 2018, em 04 de setembro (309 pontos-base), recuou 200 p.b. em 09 de novembro (queda de 35%).
- Menores incertezas políticas, somadas à medidas que levem ao equilíbrio fiscal, como a reforma da previdência e a reforma tributária, podem levar a um recuo ainda maior do risco-Brasil em 2019, promovendo novas valorizações da moeda brasileira.
- Para o fim do ano, a pesquisa FOCUS do Banco Central estima cotação em R\$/US\$ 3,70. Para 2019, as expectativas são de R\$/US\$ 3,76.

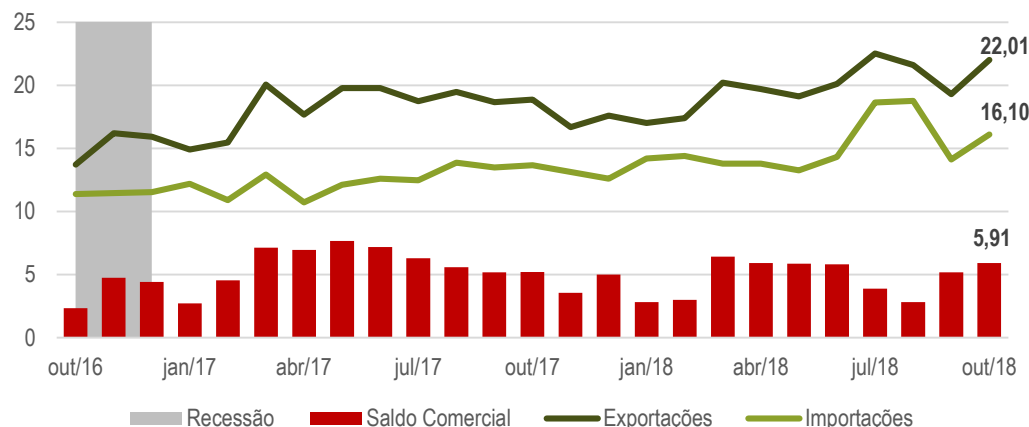
CÂMBIO (R\$/US\$) E RISCO PAÍS (CDS Brasil em pontos) - Diário



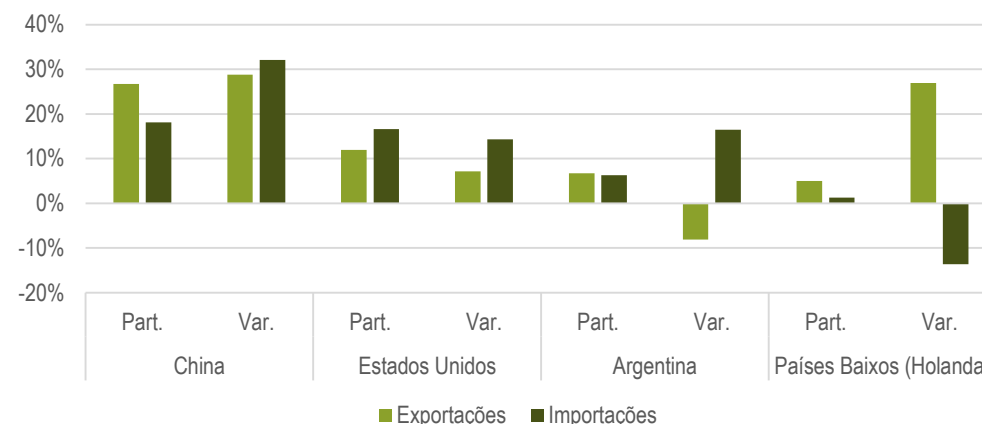


BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA

BALANÇA COMERCIAL (US\$ bilhões)



PRINCIPAIS PARCEIROS – PARTICIPAÇÃO E VARIAÇÃO (Acumulado do ano - %)



VENDA DE PRODUTOS BÁSICOS EXPLICA SALDO COMERCIAL RECORDE EM OUTUBRO

- Em outubro, o superávit comercial brasileiro alcançou US\$ 5,9 bilhões, recorde da série histórica e superior em 17,9% ao superávit de outubro de 2017, na média por dia útil. O superávit acumulado no ano é de US\$ 47,6 bilhões, 18,4% abaixo do registrado no mesmo período de 2017.
- O saldo comercial positivo de outubro foi, em grande medida, resultado do avanço das vendas de produtos básicos, que cresceram 26,0% na comparação anual. Entre esses produtos, destacamos petróleo e derivados (137,6%), soja (124,4%) e, em menor magnitude, minério de ferro (5,3%).
- Como observado em setembro, a contração econômica na Argentina explica a

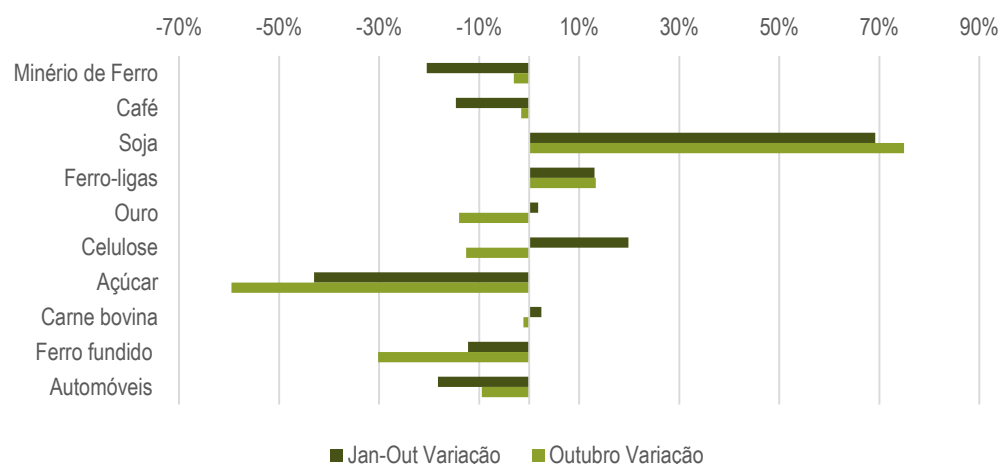
queda das exportações para aquele país em outubro (-37,4% na comparação anual). As menores vendas de automóveis e autopeças para o país (-42,2%) limitaram a expansão das vendas de manufaturados no período (5,5%).

- A queda do saldo comercial no acumulado do ano, na comparação com 2017, reflete o aumento das importações (20,6% pelo critério da média diária) que foi superior à variação das exportações (8,0%), tendo em vista a retomada do consumo e da produção no país. Após a desaceleração das importações de bens de capital em setembro, houve retomada das compras dos produtos da categoria em outubro (11,1%), recuperando a trajetória observada nos primeiros oito meses do ano, o que pode sinalizar maiores investimentos para 2019.

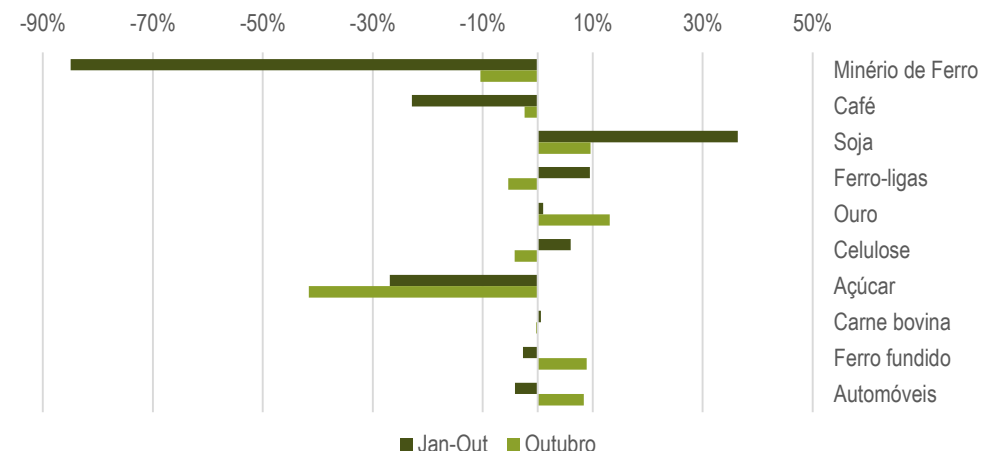


EXPORTAÇÕES DE MINAS GERAIS

PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS POR MINAS GERAIS (Var.%)



PARTICIPAÇÃO DOS PRODUTOS NA VARIAÇÃO (%)

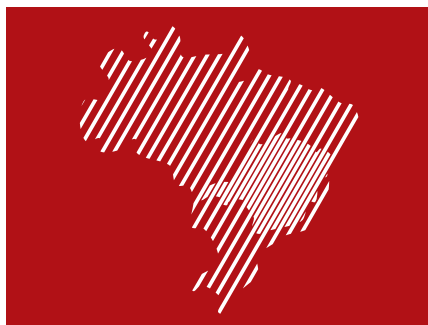


CRISE NA ARGENTINA E MENOR DEMANDA CHINESA TAMBÉM PREJUDICAM AS EXPORTAÇÕES MINEIRAS

- Em outubro, as exportações mineiras caíram 9,5% em relação a outubro do ano passado, na média por dia útil, levando o recuo no ano para 8,4%.
- Em outubro, as menores vendas de açúcar (-43,0%), refletindo a queda tanto no volume exportado (-22,5%), quanto no preço (-26,5%), foram o principal motor da contração das exportações mineiras. A ampla oferta global do produto deprimiu os preços em 2018, o que, junto com a melhor remuneração do etanol no mercado doméstico, incentivam as usinas a deixar de produzir açúcar.
- Principal causa da redução observada no acumulado do ano até outubro, as

vendas de minério de ferro recuaram 3,1% no mês, na média por dia útil, frente a outubro de 2017. Essa variação foi o resultante dos menores volumes exportados (1,0%), e da queda do preço do minério mineiro na período (2,1%).

- As vendas de automóveis para a Argentina, destino de mais de 60% das exportações do produto mineiro em 2018, caíram 60,3% frente a outubro de 2017, após contração de 80,2% observada em setembro. A perspectiva de contração de 2,6% do PIB argentino em 2018 e de 1,6% em 2019 deve seguir limitando as exportações de veículos para o país vizinho nos próximos meses.



TRANSAÇÕES CORRENTES E INVESTIMENTO DIRETO

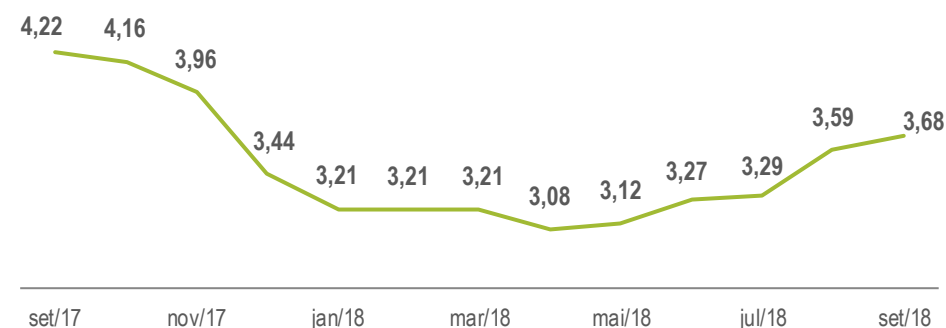
TRANSAÇÕES CORRENTES REGISTRAM SUPERÁVIT DE US\$ 32 MILHÕES EM SETEMBRO

- Em setembro, o balanço de pagamentos brasileiro registrou superávit em transações correntes de US\$ 32 milhões, resultado abaixo das expectativas de mercado (US\$ 430 milhões). Em 12 meses, o déficit é de US\$ 14,5 bilhões (0,75% do PIB).
- Sem exportações e importações no âmbito do Repetro no mês, as exportações cresceram 2,0% e as importações, 5,3%, na comparação com setembro de 2017. O saldo comercial foi de US\$ 4,6 bilhões, menor do que os US\$ 4,9 bilhões registrados no mesmo mês do ano anterior.
- Na conta financeira, o Investimento Direto no País (IDP) registrou ingresso líquido de US\$ 7,8 bilhões, acima das expectativas de mercado (US\$ 7,1 bilhões). A maior parte desses investimentos se deram por meio de empréstimos entre empresas (64%). Em 12 meses, o saldo é de US\$ 70,8 bilhões (3,7% do PIB).

TRANSAÇÕES CORRENTES (% PIB)



INVESTIMENTO DIRETO (% PIB)





PROJEÇÕES

BRASIL	2018	2019
PIB (%)	1,36	2,50
Produção Industrial (%)	2,19	3,04
Comércio varejista - volume (%)*	2,31	3,47
Comércio varejista - faturamento (%)*	4,95	6,90
Massa real de rendimentos total (%)*	2,18	2,65
IPCA (%)	4,13	4,20
IGP-M (%)	9,30	4,50
Taxa de câmbio - fim de período (R\$/US\$)	3,70	3,76
Meta Taxa Selic - fim de período (%a.a.)	6,50	8,00
Dívida Líquida do Setor Público (% do PIB)	54,00	56,95
Conta Corrente (US\$ bilhões)	-15,50	-27,20
Balança Comercial (US\$ bilhões)	57,00	51,50
Investimento Direto no País (US\$ bilhões)	70,00	75,35

MINAS GERAIS	2018
PIB (%)	0,80
Produção Industrial (%)	-1,25
Prod. Física Ind. Transformação (%)	-0,95
Prod. Física Ind. Extrativa (%)	-2,57
Massa Salarial Real (%)	-0,62
Faturamento Real (%)	4,65





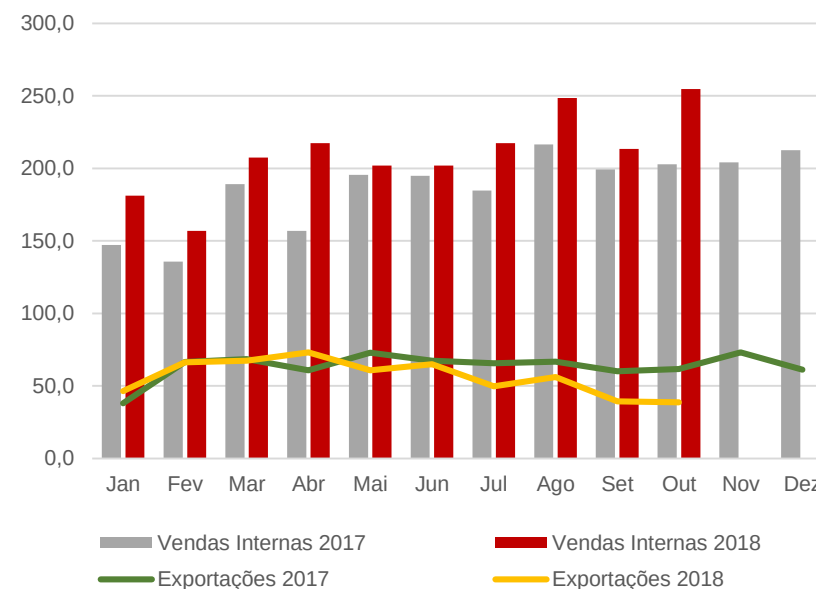
SETOR AUTOMOTIVO

		BRASIL	MINAS GERAIS
	PRODUÇÃO FÍSICA SET/18 ¹	3,9%	-22,1%
EXPORTAÇÕES*	QUANTIDADE	3,6%	-17,3%
	OUTT/18 ¹ VALOR (US\$)	-27,1%	-36,9%

MERCADO INTERNO SURPREENDE EM OUTUBRO

- Em outubro, os emplacamentos de veículos automotores – automóveis, comerciais leves, caminhões e ônibus – aumentaram 19,4% em relação a setembro e 25,6% frente a outubro de 2017, superando as expectativas da Anfavea². No acumulado do ano até setembro, as vendas somam 2,1 milhões de unidades, um avanço de 15,3% na comparação com 2017.
- No mercado externo, a crise argentina continua prejudicando as exportações** do setor brasileiro, que caíram 10,3% entre janeiro e outubro, na comparação interanual. Entretanto, vale ressaltar que houve crescimento dos embarques para países como Chile e Colômbia, que mesmo com mercados consideravelmente menores, amenizam o impacto da queda das vendas para a Argentina.
- Apesar do recuo das exportações, a produção de veículos automotores cresceu 9,9% no período, devido ao aumento das vendas no mercado doméstico. O avanço da produção em 2018 vem ocorrendo em todos os segmentos: automóveis e comerciais leves (9,0%), caminhões (31,0%) e ônibus (43,4%).
- A Medida Provisória que cria o Rota 2030 foi finalmente assinada pelo Presidente Temer em novembro. O programa prevê, entre outras coisas, incentivos tributários para as montadoras que atingirem metas de eficiência energética e de desenvolvimento de novas tecnologias.

VENDAS INTERNAS E EXPORTAÇÕES (mil unidades)

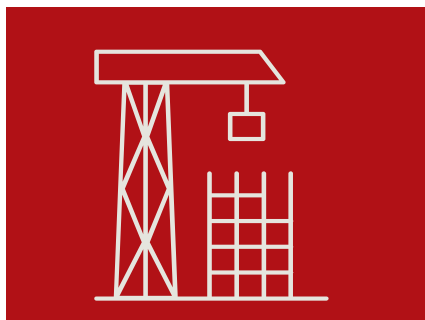


Com a crise na Argentina, principal parceiro comercial da indústria automotiva brasileira, o mercado interno é o novo “motor” do setor.

¹Comparativamente ao mesmo mês de 2017. As exportações referem-se à fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias. ² Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores

** Englobam automóveis, comerciais leves, caminhões e ônibus (em unidades).

Fonte: Valor Econômico, Estadão, Automotive Business, Folha de São Paulo, IBGE e Anfavea.



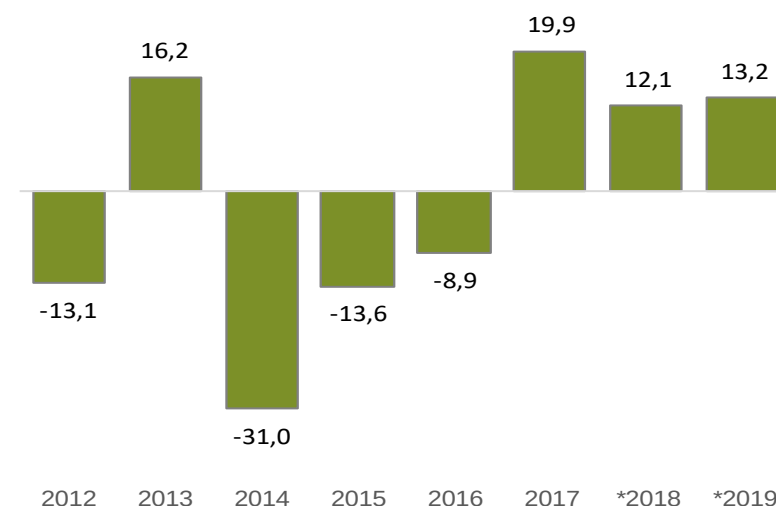
CONSTRUÇÃO CIVIL

	BRASIL	MINAS GERAIS
ÍNDICE DE CONFIANÇA DA CONSTRUÇÃO - SET/18 ¹	50,8	46,4
INSUMOS DA CONSTRUÇÃO CIVIL (ICC) - AGO/18 ²	0,0%	
CUSTO DA CONSTRUÇÃO/M ² (INCC-SINAPI) - SET/18 ²	VARIÇÃO 4,3%	3,4%
	VALOR ³ R\$ 1.103,98	R\$ 1.033,89

ATIVIDADE DA CONSTRUÇÃO SEGUE EM RECUPERAÇÃO GRADUAL

- Os índices de confiança da construção (Fiemg/CNI) aumentaram em outubro, reflexo da melhora das expectativas dos empresários para os próximos seis meses. Contudo, permanecem inferiores aos níveis registrados no início do ano, antes das frustrações com o ritmo de recuperação da economia.
- Em setembro, a produção de insumos da construção civil apresentou elevação de 1,4%** frente a agosto, e acumula aumento de 1,3% no ano. A perspectiva é de melhora nos próximos meses e, especialmente, a partir de 2019, reflexo da redução das incertezas no cenário político e da consolidação do ambiente macroeconômico favorável.
- O mercado imobiliário já vem esboçando reação desde o ano passado: as vendas de imóveis novos*** cresceram 19,9% em 2017 e 23,7% no primeiro semestre de 2018.
- No intuito de alavancar o setor, em outubro, o Conselho Monetário Nacional aumentou para R\$ 1,5 milhão o teto de financiamento de imóveis pelo Sistema Financeiro de Habitação, que oferece juros menores que as taxas de mercado. No mesmo mês, o governo remanejou R\$ 7 bilhões do orçamento do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço para acelerar as contratações do programa Minha Casa, Minha Vida.

VENDAS DE IMÓVEIS NOVOS *** (Var. Anual)





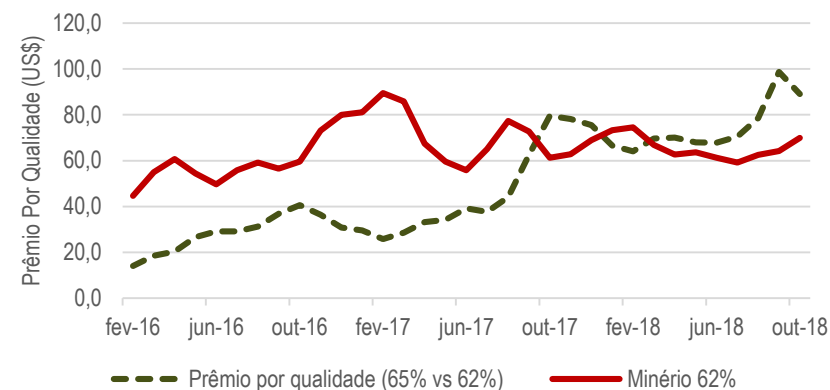
INDÚSTRIA EXTRATIVA

MEDIDAS ANTI-POLUIÇÃO NA CHINA FAVORECEM EXPORTAÇÕES DE MINÉRIO DE FERRO BRASILEIRO

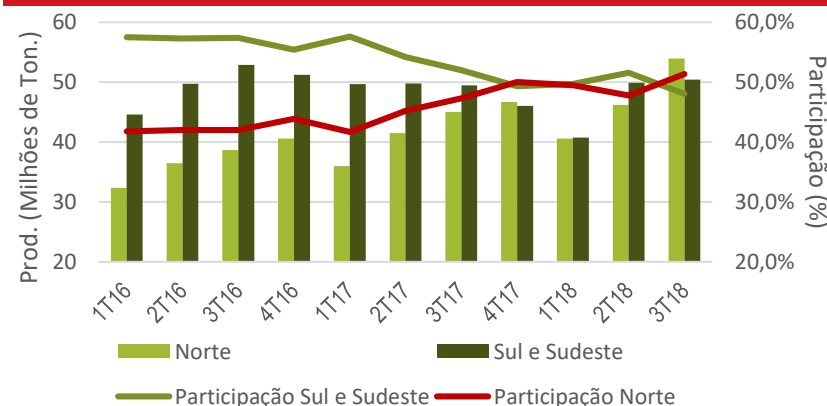
- Em outubro, o preço internacional do minério de ferro cresceu 4,5% em relação a setembro, refletindo tanto as expectativas de novos estímulos fiscais na China quanto as medidas de redução da poluição no país.
- Antecipando-se às medidas restritivas na produção de aço, as siderúrgicas chinesas acumularam estoque de minério de maior pureza. Consequentemente, o prêmio por qualidade pago no mercado cresceu substancialmente nos últimos meses (gráfico 1), beneficiando a Vale frente a suas concorrentes internacionais.
- Por outro lado, é esperado que a desaceleração da atividade industrial na China, que impacta os setores imobiliário e automotivo, comece a pressionar para baixo a demanda por minério de ferro. A menor demanda, somada à elevação da oferta global esperada para 2019, deve resultar em queda dos preços internacionais do minério de ferro.
- Nesse sentido, os possíveis estímulos fiscais implementados pelo governo central chinês serão determinantes para a cotação do minério no curto prazo.

		BRASIL	MINAS GERAIS
PRODUÇÃO FÍSICA SET/18 ¹		0,2%	0,5%
EXPORTAÇÕES	VOLUME (Kg)	12,3%	3,7%
	OUT/18 ¹ VALOR (US\$)	51,3%	1,7%

PREÇO DO MINÉRIO DE FERRO E PRÊMIO POR QUALIDADE



PRODUÇÃO DE MINÉRIO DE FERRO DA VALE





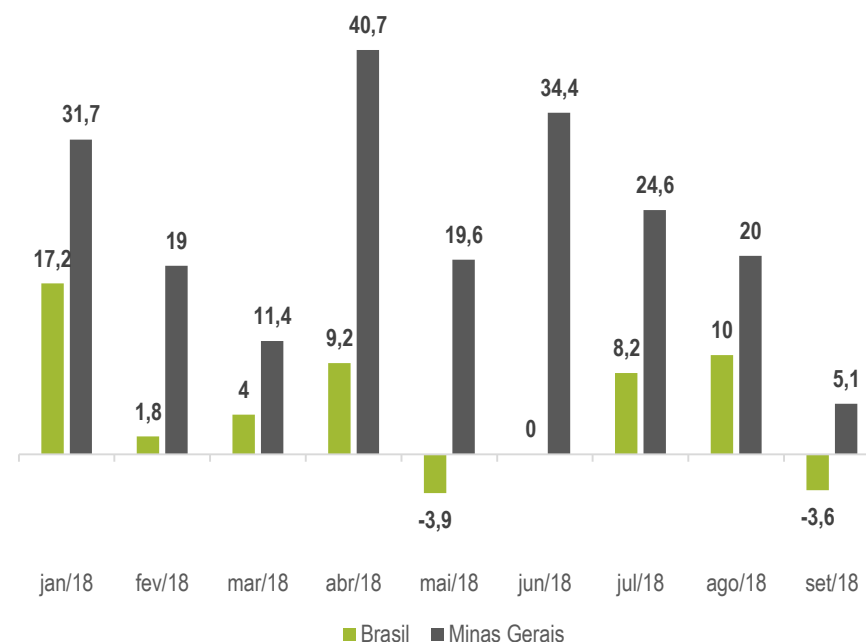
MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS*

	BRASIL	MINAS GERAIS
PRODUÇÃO FÍSICA SET/18 ¹	-3,6%	5,1%
EXPORTAÇÕES QUANTIDADE	8,0%	43,1%
OUT/18 ¹ VALOR (US\$)	-2,0%	-11,1%

DEFINIÇÃO ELEITORAL TENDE A FAVORECER O SETOR

- A produção física de máquinas e equipamentos perdeu o ímpeto no mês de setembro, dado o elevado nível de incerteza pré-eleitoral. No Brasil, a produção caiu 3,6% na comparação anual (set/17) e 10,3%* em relação ao mês de agosto/18. Em Minas Gerais, o setor não sustentou os avanços expressivos, ao crescer 5,1% em setembro, na comparação com o ano anterior. Em relação ao mês de agosto/18, houve queda de 0,8%* na produção mineira de M&E.
- Em Minas Gerais, as exportações do setor do mês de outubro cresceram 43,1% em volume, na comparação anual, após um crescimento próximo de zero em setembro. Contudo, houve recuo de 11,1% das vendas externas em dólares, influenciadas pela contração de 40% das vendas externas de máquinas e equipamentos para extração mineral e para a construção.
- A definição do quadro eleitoral e a possibilidade de encaminhamento da reforma da previdência em 2019 contribuirá para a recuperação gradual da produção nacional e mineira de máquinas e equipamentos, embora o elevado nível de ociosidade da indústria limitará um desempenho mais robusto do setor. Por outro lado, a crise argentina exercerá efeito negativo para as exportações.

VARIAÇÃO DA PRODUÇÃO FÍSICA DO SETOR DE MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS (% - contra mesmo mês do ano anterior)





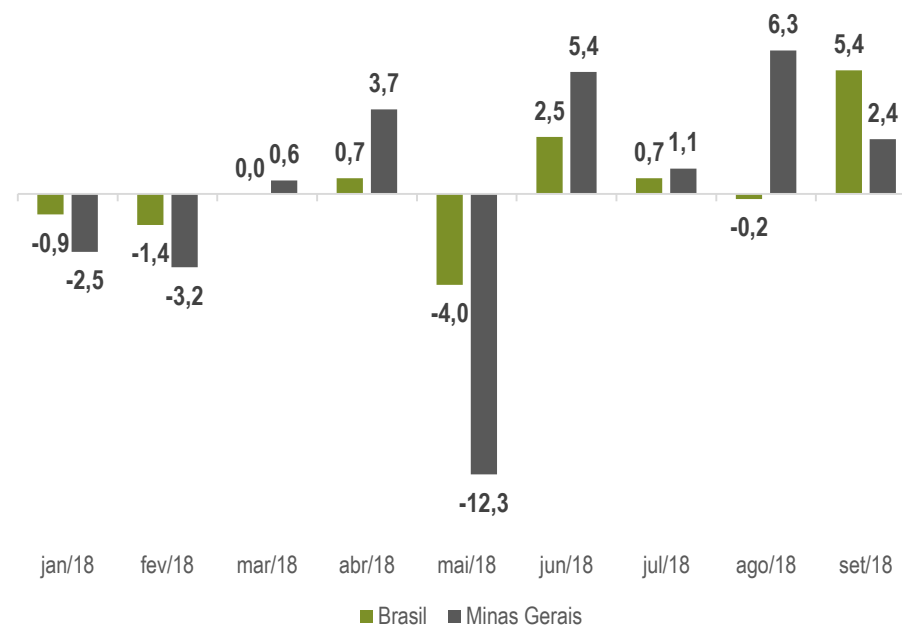
METALURGIA

	BRASIL	MINAS GERAIS
PRODUÇÃO FÍSICA SET/18 ¹	9,0%	12,0%
EXPORTAÇÕES VOLUME (Kg)	6,9%	-41,0%
OUT/18 ¹ VALOR (US\$)	23,4%	-4,5%

METALURGIA BRASILEIRA AVANÇA EM SETEMBRO

- Em setembro, a produção física do setor de metalurgia brasileiro avançou 5,4% frente a agosto. Em Minas Gerais, o aumento foi de 2,4%*. No acumulado do ano até setembro, a produção física nacional acumula expansão de 5,5% e a estadual, 4,6%.
- Na comparação com setembro de 2017, a produção física da metalurgia brasileira cresceu 9,0% e a mineira, 12%. Houve expansão em todos os grupos do setor, com exceção da 'metalurgia dos metais não-ferrosos', que apesar do resultado negativo, saiu de uma contração de 10,7% em agosto para uma queda de 0,9% em setembro.
- Na siderurgia, de acordo com o Instituto Aço Brasil (IABr), a produção nacional de aço bruto cresceu 2,5% na comparação com setembro de 2017. Em Minas Gerais, o avanço foi de 15,1%.
- As expectativas para 2019 seguem de crescimento do setor de metalurgia. A recuperação da economia brasileira e de setores consumidores de aço deve estimular a demanda por produtos siderúrgicos. Por outro lado, as vendas ao exterior, limitadas pelos Estados Unidos, devem exercer influência negativa.

VARIAÇÃO (%) DA PRODUÇÃO FÍSICA DO SETOR DE METALURGIA *(contra mês imediatamente anterior)



MONITOR ECONÔMICO

FICHA TÉCNICA

REALIZAÇÃO:

Sistema FIEMG – Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais

PRESIDENTE:

Flávio Roscoe Nogueira

RESPONSABILIDADE TÉCNICA:

Gerência de Estudos Econômicos

Esta publicação é elaborada com base em análises internas, desenvolvidas através de dados públicos.

Não nos responsabilizamos pelos resultados das decisões tomadas com base no seu conteúdo.

